



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

TATIANA BELINKY

Olhos de ver

PROJETO DE LEITURA

Coordenação e elaboração: Maria José Nóbrega
Colaboração: Wagner Ribeiro Soares

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?!*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço move-dido, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

F nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

F nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

F nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

F nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas verdades literárias e ler mais:

w do mesmo autor;
w sobre o mesmo assunto e gênero;
w leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



TATIANA BELINKY

Olhos de ver

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Nascida na Rússia, Tatiana chegou ao Brasil em 1929 com dez anos de idade. Veio com seus pais e dois irmãos menores. Com essa idade, já tinha lido muitos livros e poemas maravilhosos, um deles, de belos contos russos, que trouxe na viagem, conserva até hoje...

Em São Paulo, cresceu, estudou, casou com um médico santista e teve dois filhos, cinco netos e três bisnetos — dois meninos e uma menina.

Tatiana nunca parou de ler. E, de tanto ler de tudo, começou a inventar e a escrever suas próprias histórias e versos. Isso, além de contar, traduzir e adaptar para a televisão muitas histórias, transformando-as em teleteatro, como “roteirista” de seriados, por exemplo, “O Sítio do Picapau Amarelo” — o que fez por mais de doze anos.

E então, certo dia, foi convidada por uma grande editora para escrever uma história para uma série infanto-juvenil — e não parou mais, para alegria de seus leitores.

RESENHA

As crônicas de Tatiana Belinky convidam o leitor a percorrer as ruas da cidade de São Paulo de algumas décadas atrás: mais tranquila e humana, menos apressada, mais sensível.

Como em um passeio, o leitor observa, com os olhos de ver emprestados pela autora, os diferentes tipos humanos que caminham pelas calçadas.

Sensibilizado pela delicadeza da linguagem, o leitor se deixa tocar pela nostalgia de outros tempos, temperada pelo espirituoso humor de Tatiana.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

A mistura entre o jornalismo e a literatura leva o cronista a apresentar seu comentário sobre o cotidiano em uma linguagem menos denotativa e mais pessoal.

Nessas crônicas, Tatiana revela flagrantes sentimentais que desvendam a “discreta” beleza da vida urbana de São Paulo. Devi-

do à violência e à degradação na vida da grande metrópole, seus comentários singelos e poéticos parecem muitas vezes distantes da cidade que conhecemos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: crônica

Palavras-chave: cidades, memórias

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Educação Artística (Música)

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: alunos de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. A crônica é um gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa, em jornais e revistas, ocupando um espaço sempre igual e com a mesma localização. Organize um mural para que os alunos possam ir afixando crônicas que circularem em diferentes periódicos durante a realização do trabalho.

2. A crônica caracteriza-se como um comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano: a notícia em que ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena comum. Reflita com os alunos como o título — *Olhos de ver* —, em sua redundância, já dirige a atenção do leitor para focalizar o que normalmente passa despercebido.

3. Veja se os alunos perceberam a maneira com que a ilustração da capa, criada por Rogério Borges, dialoga com o título: a flor deixada em um dos degraus da escadaria é um toque de beleza para quem tem *olhos de ver*.

4. Leia com os alunos o texto da quarta capa e a seção “Autora e obra”. Estabeleça as relações entre a temática das crônicas e a experiência de vida da escritora.

Durante a leitura

1. Faça uma análise do sumário para que os alunos constatem os critérios temáticos que orientaram a seleção das crônicas: “Ruas de São Paulo”, “Crianças” e “Outras coisas e coisas”.

2. Localize “Olhos de ver”, crônica que dá título ao livro, e aproveite para explicar que é comum, em antologias de crônicas, contos ou poemas, empregar o título de um dos textos selecionados para título geral da obra.

3. Leia a crônica em voz alta para a turma, despertando nos alunos o desejo de continuar lendo as outras.

4. Planeje com seus alunos a leitura do livro, agendando cada uma das partes para um determinado dia.

Depois da leitura

F nas tramas do texto

1. Chame a atenção para o tempo em que ocorrem os episódios narrados e o tempo da própria narração. Veja se os alunos percebem que há um distanciamento entre os acontecimentos e a escrita das memórias. Organize-os em onze grupos (um para cada uma das crônicas da primeira parte) e peça que localizem as passagens que confirmam isso.

2. Se sua escola fica na cidade de São Paulo, aproveite para localizar num mapa da cidade cada uma das ruas citadas pela autora em suas crônicas. Se possível, organize uma visita ao centro de São Paulo para que

os alunos possam apreciar as permanências e mudanças em relação ao que a autora nos descreve a respeito das ruas da cidade.

3. Convide os alunos a se lembrar de outros acontecimentos triviais, vistos por quem tem *olhos de ver*, e estimule-os a produzir crônicas sobre outras ruas de São Paulo ou sobre as ruas da cidade em que se localiza a escola.

4. Em “Crianças”, Tatiana relata pequenos acontecimentos vividos por seus filhos, netos e até mesmo alguns de quando ela era pequena. Aproveite essas deliciosas crônicas para compartilhar histórias de sua infância e da de seus alunos. Se quiser, registre em áudio ou em vídeo o relato de cada um.

5. Em “Outras coisas e coisas”, Tatiana escolhe como tema de sua crônica o resfriado, o faxineiro analfabeto e a biblioteca, e até uma banana. Explique que não existem temas literários: é o tratamento estético da linguagem que caracteriza a literatura.

6. Finalizado o trabalho, converse com os alunos a respeito do estilo da autora: sua linguagem — ao produzir os comentários sobre o cotidiano — dá a impressão de naturalidade e a língua escrita se aproxima da fala.

F nas telas do cinema

O diretor Ugo Giorgetti dirigiu uma série de filmes ambientados em São Paulo. Seu olhar sobre a cidade constrói uma crônica visual dela. Escolha um dos filmes para assistir com os alunos e compare a maneira com que cada artista percebe a cidade.

• O Príncipe

Gustavo, um homem de meia-idade, vive em Paris há mais de vinte anos. Durante todo

esse tempo, não tinha feito nenhuma visita ao Brasil. O tempo, porém, acaba por desarrumar os arranjos mais convenientes.

• Boleiros

Em um bar de São Paulo, como acontece em quase todas as tardes, reúne-se um grupo de ex-jogadores de futebol, que se encontram para lembrar antigas glórias e histórias curiosas do tempo em que ainda eram jogadores profissionais.

• Sábado

Uma equipe de publicidade, num sábado em São Paulo, ocupa o saguão do antigo Edifício das Américas, no centro da cidade, para a gravação de um comercial. Mas um elevador quebrado obriga equipe e moradores a dividir o mesmo espaço. Desse convívio forçado entre moradores e equipe surgem pequenos incidentes que tornam esse sábado diferente de qualquer outro.

F nas ondas do som

No site www.musicasantigas.com, é possível encontrar várias letras de canções que homenageiam a cidade de São Paulo. Clique para ir até a página inicial, depois clique em “São Paulo”, em “músicas” e selecione a canção desejada.

Estimule seus alunos a pesquisar com a família, em discos ou CDs em que possam conhecer a melodia. Uma outra opção é pesquisar o que há disponível na internet em formato MP3. Se desejar, organize um CD ou uma fita cassete com as canções preferidas da turma.

F nos enredos do real

1. Como o livro refere-se a várias ruas importantes de São Paulo, peça aos alunos que busquem a origem de seus nomes e pesquisem imagens antigas delas. Organize um painel iconográfico sobre o tema.

2. Há crônicas do livro que remetem à década de 1930 e outras à década de 1940. Esse período histórico corresponde à chamada Era Vargas. Solicite aos alunos que criem uma linha do tempo sobre esse período, apontando ano a ano, os principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais do país.

3. Ainda sobre a Era Vargas, promova um debate entre os alunos após a execução de uma pesquisa sobre a política trabalhista de Vargas. Durante os governos de Getúlio Vargas, o debate sobre as questões sociais e trabalhistas era muito intenso, muitas leis relacionadas a essas questões foram criadas. Em função disso, a imagem de Getúlio Vargas passou a ser relacionada com a de um defensor dos interesses dos trabalhadores, ganhando até a alcunha de “pai dos pobres”. No entanto, havia críticas severas à política de Getúlio Vargas em relação aos trabalhadores, já que muitos grupos acreditavam que essa política era populista e estava a serviço dos patrões. O debate deve girar em torno desse problema: Getúlio era mesmo o pai dos pobres?

4. A autora do livro menciona, em uma das crônicas, que o motivo da imigração de algumas pessoas para o Brasil foi o fato de serem ameaçadas pelo fascismo na Europa. Instrua os alunos para pesquisar o que foi o fascismo, quais foram suas formas de atuação e onde esse regime político floresceu. Amplie a pesquisa com informações sobre o Integralismo no Brasil na década de 1930.

5. A autora é uma legítima representante de uma das várias faces que formaram a população brasileira. A imigração tem uma

importância fundamental nessa formação. Solicite aos alunos que entrevistem imigrantes que vivem em suas comunidades sobre o motivo de sua vinda para o Brasil. Peça que se reúnam em grupos e elaborem perguntas sobre esse tema. Depois, promova uma apresentação para que cada grupo possa expor o resultado de sua pesquisa.

DICAS DE LEITURA

da mesma autora

Ielena, a sábia dos sortilégios — São Paulo, Ática

Transplante de menina — São Paulo, Moderna

Acontecências — Belo Horizonte, Dimensão

sobre o mesmo gênero e assunto

Crônicas de São Paulo: um olhar indígena — Daniel Munduruku, São Paulo, Callis

São Paulo, 450: Histórias e crônicas da cidade na Folha — org. Oscar Pilagallo, São Paulo, Publifolha

de leitura de desafio

De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade — org. Telê Porto Ancona Lopez, São Paulo, Senac.

Na década de 1920, São Paulo era uma promissora metrópole, mas ainda provinciana. Colaborando para uma revista carioca chamada *Ilustração Brasileira*, o jovem Mário de Andrade começa a firmar seus passos como intelectual e escritor.

Aproveite para olhar a cidade com os olhos do criador de *Macunaíma*.